



DIÁLOGOS SOBRE A QUEDA DAS TRADIÇÕES E O VAZIO EXISTENCIAL EM VIKTOR FRANKL

Dialogues on the Decline of Traditions and Existential Vacuum in Viktor Frankl
Diálogos sobre la caída de las tradiciones y el vacío existencial en Viktor Frankl

RAISSA DANIELLA CORREA GOMES*
MARIA HELENA BUDAL DA SILVA**

DOI: <https://doi.org/10.62506/w0dhcx79>

Resumo: Este artigo teve como base a recorrente citação presente nas obras de Frankl acerca da relação entre a etiologia do vazio existencial e a queda das tradições. Buscando esclarecer a que se refere Frankl ao mencionar a queda das tradições e porque essa seria uma das causas do vazio existencial, o presente estudo adotou uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, com abordagem qualitativa, fundamentada no método dialético. Como resultado, elucidou uma temática crucial para a compreensão da Logoterapia e da Análise Existencial, contribuindo para evitar distorções teóricas ao proporcionar maior clarificação de conceitos essenciais, como sentido e valor. Além disso, evidenciou que a Logoterapia é fenomenológica e não moral, como afirmava o próprio autor. Na discussão dos resultados, foi apresentada uma análise crítica do tema, levantando debates necessários sobre a contemporaneidade e demonstrando a urgência de intervenções e mudanças a nível individual e coletivo. As considerações finais, no entanto, ressaltam a complexidade do tema, evidenciando a necessidade de um aprofundamento mais abrangente, ao mesmo tempo em que reconhecem as limitações da pesquisa.

Palavras-chave: Logoterapia, vazio existencial, consciência, fenomenologia.

Abstract: This article is based on a recurring citation in Frankl's works regarding the relationship between the etiology of the existential vacuum and the decline of traditions. Seeking to clarify what Frankl refers to as the decline of traditions and why this would be one of the causes of the existential vacuum, this study conducted an exploratory bibliographic research with a qualitative approach, grounded in the dialectical method. As a result, it elucidated a crucial theme for understanding Logotherapy and Existential Analysis, contributing to the prevention of theoretical distortions by providing greater clarification of essential concepts such as meaning and value. Additionally, it highlighted that Logotherapy is phenomenological rather than moral, as the author himself stated. In the discussion of the results, a critical analysis of the topic was presented, raising necessary debates on contemporary issues and demonstrating the urgency of interventions and changes at both the individual and collective levels. The final considerations, however, emphasize the complexity of the subject, indicating the need for further exploration while acknowledging the research's limitations.

Keywords: Logotherapy, existential vacuum, consciousness, phenomenology.

Resumen: Este artículo se basa en una cita recurrente en las obras de Frankl sobre la relación entre la etiología del vacío existencial y la caída de las tradiciones. Buscando aclarar a qué se refiere Frankl con el término "caída de las tradiciones" y por qué esta sería una de las causas del vacío existencial, este estudio llevó a cabo una investigación exploratoria bibliográfica con un enfoque cualitativo, fundamentado en el método dialéctico. Como resultado, elucidó una temática crucial para la comprensión de la Logoterapia y el Análisis Existencial, contribuyendo a evitar distorsiones teóricas al proporcionar una mayor clarificación de conceptos esenciales como sentido y valor. Además, evidenció que la Logoterapia es fenomenológica y no moral, como afirmaba el propio autor. En la discusión de los resultados, se presentó un análisis crítico sobre el tema, planteando debates necesarios sobre la contemporaneidad y demostrando la urgencia de intervenciones y cambios a nivel tanto individual como colectivo. Sin embargo, las consideraciones finales destacan la complejidad del tema, indicando la necesidad de un mayor aprofundamiento, al tiempo que reconocen las limitaciones de la investigación.

Palabras-clave: Logoterapia, vacío existencial, conciencia, fenomenología.

* Instituto Freedom (São Paulo). E-mail: psicóloga.daniellacorrea@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0914-7370>

** Núcleo de Logoterapia de Curitiba. E-mail: mari_budal@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3443-9594>



Introdução

O contexto histórico do final do século XIX e começo do século XX, marcado por reducionismos e nihilismo, provocou posicionamentos críticos em Viktor Frankl, o influenciando na construção da Logoterapia. Frankl (2011, 2019) opunha-se a qualquer unilateralidade na compreensão do ser humano, pois isso o reduzia a “nada mais que...” processos celulares, conteúdos instintivos ou condições sociais. Para o autor, qualquer ismo seria negligente com a totalidade do ser, favorecendo a facticidade em detrimento do facultativo. Como consequência desse movimento, também haveria a negação dos valores e da possibilidade de encontrar sentido, resultando em uma desvalorização da vida.

Segundo Frankl (2011, 2019), o contato com a teoria dos valores de Max Scheler foi crucial para sua superação do psicologismo. Alinhado a outros teóricos que contestavam as tendências reducionistas predominantes no saber científico da época, o fundador da Logoterapia propunha uma reformulação na concepção de ser humano adotada pelas correntes psicológicas vigentes. Diante disso, sinalizou as lacunas deixadas por seus antecessores ao apresentar sua proposta antropológica tridimensional, reconhecendo as dimensões psicofísicas e incluindo a dimensão noética - dimensão essa que caracteriza o especificamente humano -, elucidando a integralidade da pessoa. Sua teoria, portanto, demonstra o aspecto relacional do ser com o mundo circundante, orientando-se aos valores e clarificando a dinâmica da existência.

A etimologia da palavra Logoterapia indica uma terapia voltada ao Logos, compreendido como sentido — ou seja, à busca de um sentido único e irrepetível. O conceito de sentido é central na cosmovisão frankliana, e está diretamente relacionado à dimensão noética do ser humano. Dessa forma, a ontologia frankliana considera o ser humano livre para se opor às suas facticidades e agir de forma consciente e responsável, o que Frankl denominou “liberdade da vontade”. Além disso, a existência humana é movida por uma vontade primária de encontrar sentido para a vida, indo além da mera busca de prazer e poder — trata-se da “vontade de sentido”. Assim, ao direcionar-se para além de si mesmo e manter uma relação dialética com o mundo dos valores, o ser humano concretiza sua existência, realizando o que Frankl chama de “sentido de vida” (Frankl, 2011, 2019).

Viktor Frankl (2011, 2019) chamava a atenção para o que denominou como neurose noogênica. Ele esclarece que o questionamento e a busca por um sentido de vida nada tem de patológico. O anseio humano em relação à própria existência aponta para um aspecto de maturidade e deve ser mobilizado terapêuticamente. O risco ocorre quando há restrição no campo noético e adoecimento nas dimensões psicofísicas, impactando a capacidade do ser humano de apreender o mundo fora de si e, por consequência, de valorar sua existência, levando-o a comportamentos fatalistas constantes. Assim, a Logoterapia pode auxiliar nos mais diversos casos, mas se apresenta como uma terapia específica para aqueles que sofrem pela sensação de vazio existencial, na qual sua vida, aparentemente, não apresenta mais nenhum sentido a ser realizado e nenhum valor que valha a pena concretizar.

A problemática da pesquisa foi formulada a partir da recorrente citação encontrada em diferentes obras de Viktor Frankl (2011), embora com pequenas variações nas palavras:

Aquilo que conceituei como “vácuo existencial” constitui um desafio à psiquiatria e à psicologia atualmente. Cada vez mais pacientes se queixam de um sentimento de vazio e de falta de sentido, fenômeno que, sob meu ponto de vista, parece derivar de dois fatores. Ao contrário do animal, os instintos não dizem ao homem o que ele tem de fazer. E, ao contrário do homem de gerações atrás, a tradição não lhe diz mais o que deveria fazer. Frequentemente, mal sabe o homem o que ele, basicamente, deseja fazer. Ao invés disso, acaba por, simplesmente, reproduzir o que as outras pessoas fazem (conformismo), ou fazer o que os outros querem que ele faça (totalitarismo) (p. 9)¹.

Nota-se a relevância do trecho, não só por sua constante citação mas também por seu conteúdo. No entanto, alguns questionamentos são necessários: É claro em língua portuguesa o significado da palavra tradição? E qual é o entendimento acerca desse termo na Logoterapia? É preciso clarificar a resposta dessas perguntas para garantir que não haja equívocos conceituais, pois o risco seria de propagar o entendimento de uma Logoterapia moralista, ao invés de fenomenológica, como alerta o próprio Frankl (2011). Assim, a questão problema da pesquisa se organizou desta forma: O que é necessário compreender na relação levantada por Viktor Frankl entre o vazio existencial e a queda das tradições de modo que não ocorram desvios de seu pensamento?

¹ O leitor poderá encontrar esse trecho em todas as obras selecionadas para a construção do artigo, e para comprovar essa afirmativa (Frankl, 2011, p. 9; Frankl, 2016a, p. 26; Frankl, 2016b, p. 17; Frankl, 2017, p. 101; Frankl, 2019, p. 26; Frankl, 2020, p. 39-40; Frankl, 2021, p. 60-61).



Acerca da relevância teórica/científica, foram realizadas buscas nas bases de dados Google Acadêmico, na plataforma de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e na Scielo, utilizando as palavras-chave: Logoterapia, vazio existencial, consciência e fenomenologia. Justifica-se o uso da última palavra-chave em razão da base fenomenológica na construção da Logoterapia, especialmente, para compreensão do conceito consciência. O operador booleano AND foi utilizado para encontrar artigos que contivessem todas essas palavras-chave simultaneamente, enquanto o operador OR foi aplicado para incluir variações relacionadas aos termos. A pesquisa foi realizada no idioma português (Brasil) e no intervalo de publicações entre 2014 e 2024. Não foi encontrada nenhuma pesquisa que abordasse o tema do vazio existencial a partir da perspectiva deste artigo, que analisa de forma específica a relação entre o fenômeno do vazio existencial e a queda das tradições. Isso demonstra que a proposta estudada é inovadora, não sendo a ideia finalizar a discussão, mas sim iniciar um convite ao diálogo sobre o tema.

Acerca da relevância social, ressalta-se a indicação de Frankl (2011, 2019) de que o vazio existencial é um fenômeno de massa, convocando a necessidade, tanto dos profissionais que atuam na área da saúde e educação quanto da sociedade em geral, de uma profunda reflexão antropológica e existencial. Esse apontamento segue atual, sendo ainda urgente elaborar intervenções eficazes para essa problemática.

Objetivos

O objetivo geral deste artigo foi explorar nas obras de Viktor Frankl a relação proposta pelo autor entre a queda das tradições e o fenômeno do vazio existencial. Para isso, foram estabelecidos quatro objetivos específicos: O primeiro foi descrever o que Frankl compreende por queda das tradições. O segundo investigou qual o impacto da queda das tradições na manifestação do vazio existencial. O terceiro identificou quais respostas o ser humano contemporâneo tem oferecido frente a queda das tradições e como estas colaboram para o desenvolvimento da neurose noogênica. O quarto e último teve como objetivo provocar reflexões sobre o impacto das tradições na manifestação do vazio existencial e seus desdobramentos para a neurose noogênica de acordo com a Logoterapia.

Metodologia

O presente artigo trata de uma pesquisa bibliográfica do tipo exploratória, com abordagem qualitativa e utilizando o método dialético. O procedimento da pesquisa bibliográfica começa com a definição dos critérios técnicos para a coleta e análise de dados. A partir dessa etapa, é necessário organizar a coleta para que o pesquisador possa, posteriormente, descrever os resultados encontrados na bibliografia selecionada. A apresentação dos resultados segue o raciocínio construído a partir dos objetivos estabelecidos, considerando, conforme o método dialético, os pontos da tese, antítese e síntese. Após essa exploração, na etapa de discussão dos resultados, o pesquisador deverá integrar as ideias da investigação sobre o problema da pesquisa, refletindo criticamente sobre as análises elaboradas (De Lima & Mioto, 2007).

A etapa de coleta de dados desta pesquisa priorizou a utilização de livros do autor Viktor E. Frankl, especificamente em português brasileiro, com a finalidade de acessar diretamente a obra do fundador da Logoterapia e garantir a fidelidade à teoria original. Considerou-se como "português brasileiro" as traduções publicadas no Brasil por editoras reconhecidas, priorizando as edições mais recentes disponíveis até a data de escrita deste artigo. As palavras-chave que guiaram a coleta foram: vazio existencial, consciência e tradições. Esses descritores foram escolhidos com base na relevância teórica das temáticas abordadas por Frankl e no alinhamento com os objetivos da pesquisa. A seleção das obras foi realizada por meio de pesquisas na internet, especialmente em sites de editoras e plataformas de venda de livros, garantindo que a coleta contemplasse obras representativas da Logoterapia disponíveis no mercado editorial brasileiro.

A partir disso foram selecionados os seguintes critérios de inclusão os livros lançados ou reeditados entre 2011 e 2021. Esse critério foi adotado para assegurar que os materiais selecionados estejam atualizados em relação às edições disponíveis. Além da atualização editorial, a seleção das obras levou em consideração a sua importância para a construção da Logoterapia, a partir dos seguintes critérios: A) Relevância histórica: Obras que tiveram um impacto significativo no desenvolvimento da Logoterapia. B) Complexidade do conteúdo: Foram priorizadas obras que apresentam um nível aprofundado de discussão teórica e conceitual, evitando textos introdutórios ou simplificados. C) Diálogo com logoterapeutas experientes: Obras que mantêm um diálogo contínuo com profissionais experientes da Logoterapia, seja por meio de citações, discussões ou atualizações feitas ao longo do tempo, garantindo que estejam alinhadas com as práticas contemporâneas da área. Como critérios de exclusão da pesquisa foram selecionadas as obras de caráter biográfico, entrevistas ou relatos pessoais, bem como livros que não se enquadraram nas temáticas centrais da Logoterapia, conforme definido nos critérios acima.

A seleção das obras seguiu o seguinte roteiro de leitura: A) Dados de publicação da obra: Título, ano de publicação e última revisão. B) Caracterização da obra: Tema central, resumo, títulos dos capítulos e sua relevância para a construção da Logoterapia, conforme os critérios descritos anteriormente. C) Contribuição



para a pesquisa: Comparação dos dados coletados com as palavras-chave e os objetivos da pesquisa.

Esclarece-se que as respostas dos itens A e B foram coletadas diretamente das obras ou de sites oficiais, garantindo a imparcialidade e a fidedignidade dos dados. O item C foi preenchido a partir da correlação das respostas anteriores com os descritores principais. As palavras consciência, tradições e vazio existencial deveriam estar presentes na análise; no entanto, caso uma obra abordasse apenas uma dessas palavras-chave, foi considerada dentro dos critérios de inclusão, desde que seu enfoque estivesse no aprofundamento específico desta temática.

Após a busca inicial, o levantamento totalizou 17 obras. Aplicados os critérios de inclusão, exclusão e o roteiro de leitura, o número final de obras selecionadas foi de 7. Cada obra selecionada foi lida integralmente, com trechos relevantes marcados conforme as palavras-chave, o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. Esses trechos foram transcritos integralmente em um documento de Word e, posteriormente, reorganizados de acordo com os objetivos específicos estabelecidos. A partir dessa organização, foi possível construir a descrição dos resultados encontrados.

Resultados

Objetivo Específico 1: Descrever o que Frankl compreende por queda das tradições.

Uma das possíveis etiologias do fenômeno do vazio existencial é a queda das tradições. Como afirma Frankl (2011), “em segundo lugar, contrariamente ao que ocorria nas gerações passadas, nem convenções, nem tradições e, sequer valores orientam o homem de hoje sobre o que ele deveria fazer, ora, atualmente, muitas vezes, ele mal sabe o que deseja fazer” (p. 105). As convenções e tradições de uma geração sustentam uma visão de mundo, apontando também para aspectos culturais e comportamentais de um tempo histórico, influenciando, portanto, a forma como as pessoas de determinada sociedade vivem. Esses indicativos, construídos a partir das tradições, poderão ser compreendidos como veículos de sentido quando estiverem atrelados à concretização de valores. Assim, a queda das tradições resultou na perda da validade incondicional de alguns direcionamentos presentes em gerações passadas, como os Dez Mandamentos. Em contrapartida, a humanidade atual manifesta uma fase de obscurecimento na captação dos valores juntamente a um declínio de referenciais, por consequência, as pessoas parecem estar desorientadas, necessitando reencontrar diante quem ou o que devem responder (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Isso não significa que tal queda tenha impactado as possibilidades de encontrar o sentido único em situação igualmente única, como demonstra Frankl (2019):

Tendo perecido as tradições, não se foi com elas o sentido que veiculavam? A resposta é “não”, e pelo simples motivo de que o caso das tradições afeta apenas os valores, não afeta de modo algum sentido. Este é poupado, na sua condição de algo único e irreproduzível, a ser descoberto oportunamente, enquanto o valor constitui uma situação típica, recorrente, que caracteriza a condição humana. Em vez de algo absolutamente singular, temos no valor um fenômeno de índole universal. Em conclusão, a vida permanecerá dotada de sentido, mesmo quando todas as tradições desaparecerem e nenhum valor de aplicação geral se mantiver (p. 30-31).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) esclarece que o sentido de vida não é uma tentativa de dar uma resposta universal para a existência, fazendo uma diferenciação conceitual entre sentido de ou na vida, da vida e suprasentido, sendo que o encontro de sentido na vida é trans-subjetivo, é a partir do ser-em-situação. Portanto, a queda das tradições não impede o encontro de sentido, o sentido único permanece como possibilidade incondicional, inclusive como caminho para apreender e cristalizar novas possibilidades de atos valorativos. Para tanto, é preciso que a pessoa da contemporaneidade se reposicione frente a esse cenário de esgotamento dos referenciais, para tomadas de atitudes conscientes e responsáveis, concretizando esses sentidos irrepetíveis. Sobre o desaparecimento das tradições, Frankl (2011) pontua que “desse modo, em vez de novos valores serem encontrados através de sentidos únicos, o inverso ocorre. Valores universais estão em declínio” (p. 83).

Valores são possibilidades amplas com qualidades essenciais, que guiam o ser humano na sua busca para encontrar e concretizar o sentido, aliviando, de certa forma, o processo de tomada de decisões. Isso porque os valores são como universais de sentido, que no enfrentamento de situações próprias da condição humana, se cristalizaram. Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) apresenta três categorias de valores: de criação, de vivência e de atitude. É a partir do que o ser humano é capaz de entregar ao mundo, de contemplar do mundo e da forma como se posiciona diante do inescapável da vida, que os sentidos poderão ser apreendidos e os valores concretizados. Os valores atraem o ser humano, estando o mesmo livre para engajar-se ou não na concretização desses valores. O conceito de valores na Logoterapia não é sinônimo de algo imposto, tampouco, os valores e sentido podem ser compreendidos como mera expressão do si mesmo, o sentido de vida é encontrado nesse responder às exigências da situação, não sendo respostas arbitrárias ou inventadas



(Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) critica o relativismo, apresentando uma proposta que se opõe a qualquer tentativa de subjetificar os valores e o sentido. Esclarece que a cognição humana alcança recortes do todo, por meio da sua capacidade de colocar em perspectiva o mundo objetivo. Assim, o ser-mundo se encontra em uma relação dialética, na qual a pessoa está em abertura, junto ao mundo circundante, e o mundo contextualiza, coloca em situação a pessoa. Dessa maneira, uma visão de mundo não pode ser compreendida como uma proposta absoluta, que responde em totalidade a realidade. A importância de preservar esse campo tensional entre ser-mundo, também aponta para a problemática da queda das tradições, como cita Frankl (2011) “o sentido único de hoje é o valor universal de amanhã. É desse modo que as religiões são criadas e que os valores evoluem. A consciência, logo, tem o poder de descobrir sentidos únicos que contradizem valores estabelecidos” (p. 82-83).

Entre outros teóricos, Frankl (2017) é influenciado por Max Scheler, elucidando o embasamento fenomenológico da Logoterapia, como mostra na citação abaixo:

É justamente tarefa da consciência revelar ao ser humano “aquele único necessário”. Trata-se daquela possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta, possibilidade à qual Max Scheler quis se referir com o conceito “valores de situação”. Refere-se, portanto, a algo absolutamente individual, a um “deveria ser” individual, que não pode ser abarcado por nenhuma lei geral, por nenhuma “lei moral” formulada em termos universais (por exemplo, no sentido do imperativo kantiano), mas prescrito precisamente por uma “lei individual” (Georg Simmel). Não pode nunca ser conhecido racionalmente, mas compreendido apenas intuitivamente. E essa função intuitiva é realizada pela consciência moral (p. 31).

Assim, quaisquer padrões pré-concebidos, interpretações racionais ou doutrinações obscurecem a busca pelo sentido, contrariando a análise descritiva a qual se propõe a Logoterapia. Portanto, é a experiência das pessoas comuns, que ao responder às exigências da vida, desvelam os caminhos para a concretização dos valores. O ser humano é capaz de valorar a própria existência, clarificando as possibilidades com qualidades essenciais. Portanto, é a pessoa-espiritual quem sabe, um saber intuitivo, que compreende o existir, apontando para uma autocompreensão ontológica pré-reflexiva da existência (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). A proposta da Logoterapia é traduzir em termos científicos essa acurada análise fenomenológica da experiência valorativa do ser, como pontua Frankl (2011) “a logoterapia se baseia em afirmações sobre valores tomados como fatos, não em julgamentos sobre fatos tomados como valores” (p. 92).

Por fim, Frankl (2017, 2019) debate sobre o termo moral, afastando qualquer tentativa de correlacionar valores com moralismo, como afirma “o sentido não é algo que possa ser dado, isso seria moralismo. E moral, na acepção tradicional, é um conceito fadado a ser brevemente superado. Mais cedo ou mais tarde deixaremos, com efeito, de moralizar e daremos à moral um caráter ontológico” (2019, p. 29). Para o autor, logo o determinante sobre bem ou mal será aquilo que propicia ou restringe o encontro de sentido e, portanto, a concretização dos valores. Ainda, é a consciência noética, intuitiva e pré-reflexiva, que capta os valores e possibilita o valorar da existência, com qualidades anteriores a qualquer moral explícita. Assim, a Logoterapia não faz apreciação sobre sentido ou valor, não se propõe a analisar os conceitos em si, visto que, tanto sentido quanto valor não são termos explicáveis, são executáveis, vividos (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Objetivo específico 2: investigar qual o impacto da queda das tradições para a manifestação do vazio existencial.

Cada tempo histórico é demarcado pela presença mais ou menos ativa de determinados valores, como também, por convenções e tradições que estruturam a vida das pessoas inseridas naquele contexto. O declínio dos referenciais de valores, resultando nessa perda de direções a seguir, gera tempos de instabilidade. Na Logoterapia a pessoa-espiritual é compreendida enquanto tridimensional em relação ao mundo circundante. As tradições abarcam, portanto, os fatores sociais, sendo que a queda das tradições, apontada como uma das possibilidades etiológicas do fenômeno vazio existencial, afligiou esse campo relacional ser-mundo. Se nas gerações passadas havia esses referenciais sólidos que orientavam as pessoas em suas vidas, tanto individuais, quanto em sociedades, atualmente, com a perda dessas indicações, Frankl (2016b) pontua que:

Perguntar pelo sentido da existência, questionar esse sentido, é antes um ato humano mais do que um sofrimento neurótico; no mínimo, trata-se de uma manifestação de maturidade intelectual: uma oferta de sentido não é mais aceita de maneira acrítica e sem questionamentos - ou seja, de maneira irrefletida - das mãos da tradição, mas o sentido que a ser descoberto e encontrado com independência e autonomia (...). Se a frustração existencial for mesmo uma neurose, trata-se então de uma neurose sociogênica. Mas é um fato sociológico - a perda da tradição - que torna o homem contemporâneo tão existencialmente inseguro” (p. 18).



Frente a esse esgotamento dos referenciais de valores, há a necessidade do ser humano reposicionar-se, visto que, quase não há mais o que lhe indique – ou há um super estímulo de indicações – como agir, como se relacionar e como viver. Assim, é necessário que assuma a responsabilidade sobre a própria existência, se confrontando com a urgência de concretizar o sentido único para aquela situação. Diariamente, a pessoa-espiritual precisa responder aos questionamentos das situações que compõem sua vida, na forma como se posiciona diante das exigências do dia a dia se desvela o sentido, para tanto, é preciso intender para os valores que ali se escondem e confiar no sentido como possibilidade incondicional. Do contrário, caso se ausente dessa responsabilidade e decaia em uma descrença sobre os valores e o sentido, o risco é que se perceba desorientado e cada vez mais inseguro sobre sua capacidade de decidir, perdendo-se no abismo do relativismo e do subjetivismo, por consequência, obscurecendo o valor sobre si e sobre a vida (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Essa cegueira em relação aos valores propicia a manifestação do niilismo, a convicção de que nada possui sentido. Ainda assim, a busca pelo sentido da vida é um questionamento especificamente humano, que pode tanto ser abafado quanto tentado a responder pela via da teorização, decaindo em reducionismos. O niilismo é considerado a máscara do reducionismo, a tendência de reduzir a realidade e suas possibilidades a mero processos de condicionamentos. Nesse movimento causa-efeito, perde-se o caráter intencional da existência, frustrando a vida de sentido. Ainda, a tentativa de considerações lógicas, de responder em absoluto a problemática da existência, perde a sua função de orientação, de guia, ao negar os mistérios da existência, que não cabem em respostas prontas, retirando a unicidade do ser e o privando da sua responsabilidade de responder à vida (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). Acerca da relação entre o fenômeno do vazio existencial e a descrença nos valores Alexander Pfander afirma:

A geração que vive neste crepúsculo de valores é cega para eles e nem desconfia da sua incapacidade. A única teoria de valores que subsiste é o utilitarismo, em que o interesse geral é tido não apenas como mais alto interesse, mas também como mais elevado valor, não se percebendo que ele pressupõe outro valor, não utilitário. O pensamento fica meio caminho, falta de fundamento. A decadência dos valores faz o mundo e atividade dos homens parecerem insensatos e estereis. A natureza das coisas não permite, contudo, que os valores sejam criados artificialmente. O conceito de valor não admite a interferência da vontade dos homens. É preciso que o indivíduo seja gradativamente educado e criado no ambiente impregnado do conhecimento dos valores. A cegueira nesse ponto propicia o surgimento dos fantasmas do desespero e do sentimento de que a vida não tem sentido (1973 conforme citado por Frankl, 2019, p. 25)

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) afirma que a autenticidade da existência humana se encontra na autotranscendência, conceito que só poderá ser compreendido na relação entre o ser e esse polo objetivo dos valores. É essa polaridade entre a realidade e os ideais a serem materializados que concedem estrutura à existência, que garante a integridade moral e possui grande sustentação para a saúde mental. Diante desse cenário de instabilidade, resultado do declínio dos valores, somado por essas tendências reducionistas e pela descrença do niilismo, o entusiasmo pelo cultivo de ideais e de valorar a própria existência, é ameaçada. Por consequência, o ser humano da contemporaneidade, diferente dos tempos passados, não possui mais frustração sexual, mas sim, existencial.

Ainda, a industrialização oportunizou o surgimento da sociedade da abundância, a qual apresenta diferentes meios de satisfação das necessidades e, até mesmo, cria algumas artificialmente. A sociedade consumista incentiva a busca pelo prazer e poder, resultando em tendências autocentradas e em relações de utilitarismo. Com a esquiva de responder às exigências da vida, com esse excesso de satisfação juntamente com a perda desse caráter intencional das relações, há pouca tensão fecunda para o encontro do sentido, sendo substituída por uma busca da homeostase. A necessidade básica, a vontade de sentido, é negligenciada e, em meio a tanta abundância, o ser humano não sabe em busca do que prosseguir. E, uma vez que a vontade de sentido é constantemente negligenciada ou frustrada, apesar da cultura do bem-estar e da abundância que o cerca, a pessoa decai na sensação de vazio da existência. Por último, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) esclarece que seria um equívoco presumir que apenas a resolução das problemáticas sociais sanaria o fenômeno do vazio existencial, o que aconteceria é que quando as questões sociais estivessem resolvidas, os questionamentos existenciais se evidenciariam para a consciência.

Objetivo específico 3: Identificar quais respostas o ser humano da contemporaneidade tem oferecido frente à queda das tradições e como essas colaboram para o desenvolvimento da neurose noogênica

O movimento reducionista também alcança a antropologia ao negligenciar a dimensão noética, que, para Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) corresponde ao especificamente humano. Como resultado, o ser pessoa é reduzido a meros processos de condicionamentos e/ou a conteúdos psíquicos. Com isso, nega-se a possibilidade de autonomia e independência para decidir, e a liberdade para se posicionar frente aos condicionantes, como os fatores sociais, é vista como autoengano. Dessa forma, a percepção do ser hu-



mano sobre si mesmo é distorcida, o levando a assumir um discurso fatalista, de identificação com suas facticidades, contribuindo ainda mais para a perda do campo tensional, nesse caso, entre o ser e as suas limitações. A pessoa-espiritual possui a inerente capacidade de oposição aos seus determinantes, de avaliar e reavaliar a realidade, de julgar as próprias ações em termos morais e éticos, para, assim, escolher, posicionar-se para além desses fatores. Para Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) a liberdade não é um atributo da mente ou da psique, mas do espírito - palavra que deve ser compreendida em caráter antropológico e não teológico.

Para conceber esse giro antropológico proposto por Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021), que aponta para o facultativo da pessoa-espiritual, é preciso compreender a consciência em seu caráter intencional, essa que coloca o ser humano em abertura com o mundo e o guia na busca pelo sentido. Portanto, a consciência noética da pessoa espiritual, não corresponde ao superego, não se confunde com pseudomoralidade, é intuitiva, capacitando o ser humano a encontrar o sentido único das situações igualmente únicas, não se submetendo a uma lei geral. Apenas quando a autocompreensão estiver distorcida por padrões pré-concebidos, é que a pessoa se refere ao sentido como algo inventado, dado, pronto. Nos tempos atuais, muitas possibilidades são diariamente oferecidas, e não podendo escapar da necessidade de escolher entre elas, será preciso apreender o que é ou não essencial, e para que isso não ocorra de forma arbitrária, a pessoa precisará recorrer a consciência noética, pois é essa consciência que qualifica decisões livres e responsáveis.

A pessoa-espiritual será livre, inclusive, diante da consciência, podendo tanto seguir quanto rejeitar o que lhe é apontado por esta. Quando, contudo, a voz dessa consciência é constantemente sufocada, corre-se o risco da manifestação do conformismo, que é seguir o que os demais fazem, ou do totalitarismo, que seria aceitar o que lhe é exigido. Para tanto, dependerá se as expectativas excessivamente generalizadas de uma sociedade são simplesmente dadas ou então impostas. Por isso, frente a essa fase de declínio dos valores, em tempos de instabilidade de referenciais, o ser humano necessita de uma consciência noética aguçada e de uma confiança na sua capacidade de decidir, do contrário, se verá à mercê da fragilidade da contemporaneidade e dos inúmeros estímulos apresentados por essa sociedade industrializada (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Ao renunciar a autonomia de suas escolhas, concedendo ao outro o poder de decisão e, assim, se deixando ser conduzido por terceiros ao invés de escutar a própria consciência noética, a pessoa vai experimentando uma existência inautêntica. Tanto o conformismo quanto o totalitarismo representam uma fuga da liberdade e responsabilidade. No primeiro caso, haverá um movimento de massificação, de perda da unicidade, na qual se reproduz o que os demais fazem. No segundo, haverá um movimento de restrição da liberdade, um aprisionamento, em aceitar de pronto o que é demandado, sem espaço para refletir acerca das próprias escolhas. Com isso, as pessoas da contemporaneidade vão ficando cada vez mais inseguras sobre sua capacidade de decidir, com medo de tomarem decisões autônomas e com comportamentos de fuga do enfrentamento das exigências da vida, assim, há o risco de uma contínua sensação de frustração existencial. Afinal, por meio das escolhas a pessoa estruturará sua vida e tecerá sua existência, como ser sem assumir a responsabilidade por escolher? (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) afirma que a frustração existencial em si não é patológica, porém, quando não redirecionada para escolhas que preencham a vida com conteúdo de sentido, pode levar a manifestação do completo sentimento de vazio existencial. E, quando a vontade de sentido permanece insatisfeita, a vontade de prazer e poder surge como meios de anestesiá-la essa sensação e também como desvios da realização do sentido. O vazio existencial pode seguir latente, sendo mascarado por comportamentos compensatórios, para evitar entrar em contato com essa sensação de completa falta de sentido para a vida, o ser humano se lança na busca pelo prestígio social, bem-estar e felicidade, e assim segue tentando preencher esse vazio com conteúdo supérfluos e transitórios, tornando o poder e prazer a finalidade de sua vida. Em uma sociedade abundante, as pessoas possuem muitos meios para viver; contudo, com objetivos tão autocentrados, não possuem uma razão para isso.

Com isso, a sensação de inteiro vazio existencial pode se tornar tão intensa, acompanhado do sentimento de apatia – uma falta de iniciativa para viver, para participar do mundo, para agir – e/ou do tédio – uma perda de interesse autêntico pela vida e pelo mundo –, que colabora para o desenvolvimento da neurose noogênica. Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) esclarece que a neurose noogênica não corresponde a um adoecimento da dimensão noética, pois essa permanece como a dimensão saudável, embora seja possível que existam dificuldades nas dimensões biológicas e psicológicas, que gerem restrições ao acesso e a atuação do campo noético, correndo assim o risco dos comportamentos supracitados. Assim, a neurose é de temática existencial, porém, a manifestação sintomatológica será psíquica, física e, até mesmo, com consequências sociais.

Questionar-se sobre o sentido da vida demonstra uma sinceridade intelectual, é um ato humano saudável que deve ser mobilizado. É quando a pessoa-espiritual se abre para essa indagação, ousando desafiar essa ideia de forma livre e responsável, que poderá ir em busca de encontrar a resposta, a partir do seu viver. Essa é uma busca exigente e não se deve ter vergonha do desespero existencial que aí se evoca, mas sim, prosseguir com coragem e confiança. Coragem para não desistir desse questionamento e confiança para acreditar no sentido como possibilidade incondicional. Em conclusão, não deve o ser humano aceitar de pronto, acritica-



mente, o sentido de vida, justamente por isso, não é a proposta da Logoterapia dar o sentido, o caminho é despertar a liberdade para aguçar essa consciência noética e encorajar o ser-responsável, percebendo a pessoa como um espírito independente (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Objetivo específico 4: Provocar reflexões sobre o impacto da queda das tradições na manifestação do vazio existencial e seus desdobramentos para a neurose noogênica de acordo com a Logoterapia

A queda das tradições se refere a perda de orientações que em gerações passadas eram consideradas valiosas e tinham o lugar de instruir o ser humano em suas ações. O advento da industrialização provocou inúmeras mudanças sociais, como na forma de trabalhar, se relacionar, se divertir, ou seja, em todas as condições que estruturaram o viver. Com isso, certas maneiras de perceber o mundo também foram se enfraquecendo e tradições antes incondicionais se esgotaram. Assim, com a perda dessas direções, cabe a pessoa-espiritual a autonomia da decisão, contudo, o que, frequentemente parece estar acontecendo no cenário atual, são pessoas que mal sabem o que querem, sendo engolidas pela massa ou aceitando de pronto as expectativas que lhe são impostas (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Portanto, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) parece chamar a atenção que frente a esse cenário de mudanças, se faz necessário que as pessoas atuem com consciência e responsabilidade, encontrando o sentido único de situações únicas para, dessa forma, estarem em abertura para iluminar novas possibilidades de atos valorativos e serem agentes de transformação no mundo. Para isso, é preciso desenvolver uma confiança na capacidade de decidir de maneira independente e uma mobilização para a descoberta do sentido, aceitando a exigência do momento, respondendo ao chamado do sentido, ao invés de abafá-lo ou negá-lo. Do contrário, se diante desse momento de instabilidade, o ser humano assumir uma posição passiva, fatalista e de renúncia de sua responsabilidade, haverá uma insegurança existencial e desorientação sobre a vida. Com esse posicionamento, o risco será que não só valores universais sigam em declínio, mas que o encontro de sentido único deixe de ser concretizado, ainda que permaneçam como possibilidade incondicional, e, com isso, dificultando a cristalização de novas possibilidades de atos valorativos para a sociedade atual.

Com isso, vai-se perdendo esse polo objetivo da relação ser-mundo, esse campo tensional fecundo deixa de ser preservado. Parte disso também se deve a uma cegueira para os valores, que mina o entusiasmo pelo cultivo de ideais, esquecendo-se que, para encontrar o sentido é necessário estar em contato com os valores, é preciso de algo que atraia, que puxe o ser humano em direção ao sentido, visto que, sentido não é mera projeção de si mesmo. A pessoa-espiritual possui essa capacidade de se reposicionar, inclusive, frente aos seus condicionantes sociais, a sua consciência noética pode o guiar na direção contrária ao que é moralmente estabelecido pela sociedade, começando uma revolução para o encontro de novas possibilidades de atos valorativos. Assim, para além de uma confiança no sentido, é preciso uma entrega para a vida e para os valores que ali se escondem (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

É assim que, por exemplo, a cultura evolui, visto que acompanha as mudanças sociais e sendo concebidas por seres humanos, podem muito bem ser revista e transformada por essa capacidade de oposição e de criação da consciência noética. Para tanto, principalmente em uma era que não mais cultiva valores, mas sim, apresenta tendências individuais e subjetivas, devem as pessoas estar em abertura com a realidade por meio dessa consciência ativa, alerta para perceber o que é ou não essencial ao humano, a contrariar a tendência reducionista e confrontar a exigência dos tempos atuais que clama pelo exercício da responsabilidade. Os quatro sintomas da neurose coletiva podem estar relacionados ao medo da liberdade, a fuga da responsabilidade e a insegurança dessa consciência adormecida. Sendo esses: a atitude existencial provisória – uma atitude presentista, focada no aproveitar o hoje, sem se importar com o amanhã –, a atitude fatalista – uma descrença na capacidade de se posicionar, com o discurso de é assim e pronto –, pensamento coletivista – é um entregar-se a massa, abrindo a mão da singularidade –, e o fanatismo – uma crença de que apenas uma opinião importa, de que há uma verdade absoluta. (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Para Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) é claro que enquanto o ser humano for capaz de uma consciência atenta, estará imune da neurose coletiva. A pessoa-espiritual é um ser que age no mundo, que participa, que transforma a sua realidade e que é, igualmente, transformada pela vida, e isso se dá por meio de atos. Portanto, a responsabilidade não acata nenhuma determinação, não está para a obrigatoriedade, mas sim, para o dever-ser, para o responder na ação as exigências da vida, na execução da essência na existência. Atualmente, o que parece acontecer é que o ser humano da contemporaneidade se encontra entediado existencialmente, indiferente em relação ao mundo, cansado da sua própria realidade.

A queda das tradições provoca a necessidade de reposicionamentos, não só individuais, mas também coletivos. Tanto a Educação quanto a Psicologia precisam acompanhar essa problemática, com novas demandas as quais é urgente intervir, como por exemplo, no favorecimento do aguçamento da consciência noética, afinando a capacidade de descobrir o sentido único. Além disso, é preciso investir na ampliação da visão antropológica, permitindo que a pessoa-espiritual se expresse de forma integral, saindo do racionalismo e indo além de uma percepção dualista de si mesmo, reduzida apenas à mente e ao corpo. Frankl alerta, contudo, que o (a) logoterapeuta não é um moralista e nem um intelectual, não lhe cabe dar ou prescrever o sentido para aqueles que acompanha. Seu papel é de mediação existencial, o tornar consciente a liberdade para despertar a responsabilidade,



para que a pessoa-espiritual possa perceber sua categoria pessoal de valores e preencher o sentido que lhe cabe, nas situações que vivencia. Ainda, é preciso uma análise cuidadosa da realidade atual para rever o que está sendo proposto enquanto visão de pessoa e mundo, e assim, poder cultivar um tipo de filosofia saudável, no qual o sentido se mostre como uma possibilidade incondicional (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Discussão dos resultados

Discutir a relação entre a queda das tradições e o vazio existencial é imprescindível para evitar equívocos não só sobre esse fenômeno, como também, considerando a importância do tema, impedir que tal incompreensão se desdobre por toda a teoria. Assim, a proposta do artigo foi aprofundar essa temática, fazendo um recorte do conteúdo exposto no trecho. Na apresentação dos resultados, alguns pontos puderam ser esclarecidos e serão evidenciados ao longo dessa etapa, enquanto outros parecem inconclusivos pela complexidade do tema, abrindo margem para questionamentos importantes, que também serão comentados ao longo dessa discussão. Afinal, considerando a profundidade do tema, a intenção segue sendo um convite ao diálogo e não o encerramento do assunto proposto.

No terceiro pilar da Logoterapia – o sentido da vida –, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) discute o relativismo, subjetivismo e a objetividade do sentido, elucidando a relação dialética ser-mundo. Assim, as possibilidades de sentido se encontram a partir da transubjetividade, pela qual a pessoa – polo subjetivo – chega de forma particular a valores objetivos – mundo –. O sentido é pessoal à medida que é único para cada pessoa e também é situacional, visto que é específico de determinado momento, sendo, portanto, intransferível e irrepetível. Com isso, fica evidente que a pessoa-espiritual necessita de algo que a oriente existencialmente, de um “para que” que estruture sua existência e a direcione para o dever-ser, conectando o primeiro pilar liberdade da vontade com o segundo pilar a vontade de sentido. Tal ponto guia não pode ser compreendido como mera expressão de si mesmo, a objetividade do sentido se preserva por ser algo que está para além da própria pessoa. Desta maneira, esse campo tensional da pessoa com o mundo é necessário para concretização do sentido, é preciso que a possibilidade de escolha esteja atrelada aos valores que estão no mundo, do contrário, voltada a si mesmo e sem algo objetivo que a oriente, a pessoa poderá decair no sentimento de vazio e insegurança existencial. Conclui-se que, sem esse referencial de sentido, que são os valores, não se pode compreender os pilares que fundamentam a Logoterapia. A partir disso, se levanta o questionamento: Será que para a pessoa-espiritual estar em abertura para os valores é preciso das tradições e convenções?

Quando Frankl (2011) menciona “nem tradições, nem convenções e sequer valores orientam o homem de hoje sobre o que ele deveria fazer” (p. 105), não parece estar dando o mesmo significado para essas três palavras e as considerar como sinônimos pode gerar confusão conceitual. Para maior clarificação, é preciso contextualizar essas palavras na Logoterapia, ao invés de partir de um significado pronto ou construído de forma pessoal. Esse foi um dos intuitos do primeiro objetivo, posto que, para descrever o que compreende Frankl por queda das tradições, é preciso esclarecer o que seria tradições na Logoterapia. Como ponto de partida é essencial relembrar que Frankl (2011) afirma não almejar meros duplicadores de suas ideias, incentivando o espírito independente e criativo dos logoterapeutas, entretanto, para preservar a fidedignidade, é importante manter-se alinhado e não se desviar do que fundamenta a proposta frankliana, pois assim se perderia o que torna a Logoterapia o que é para a transformar em outra coisa. Não foi possível, entretanto, chegar a um total esclarecimento do questionamento sobre o termo tradições e convenções, alguns pontos carecem de maior elucidação, os quais serão discutidos a seguir buscando resgatar os conceitos indispensáveis da Logoterapia e os relacionando com descrições do dicionário da língua portuguesa.

O dicionário de língua portuguesa do Instituto Houaiss (2010) descreve a palavra *convecção* como: “2 conjuntos de costumes sociais estabelecidos e aceito pelos indivíduos de uma comunidade, como regras de boa educação, de boa conduta etc” (p. 198). Já a palavra *tradição* é retratada como: “1 herança cultural passada oralmente através das gerações; 2 conjuntos de valores morais, espirituais etc., transmitidos de geração em geração” (p. 763). A partir dos significados apresentados é possível complementar que convenções e tradições são um conjunto de direcionamentos, possuindo o papel de estruturar a forma de viver de uma sociedade em determinado tempo histórico. Sendo assim, ambas as palavras podem acompanhar mudanças sociais, com a capacidade de renovação e concedendo características específicas para uma geração. Relacionando as explanações supracitadas sobre a Logoterapia, é possível ponderar que, quando as convenções e tradições são orientações atreladas a valores, podem ser entendidas como veículos de sentido, visto que facilitam a tomada de decisão direcionadas ao sentido. O conceito de valores não é compreendido na Logoterapia de forma arbitrária, então, se as convenções e tradições forem repassadas de forma impositiva, sem espaço para reflexões individuais, seria incoerente vinculá-las aos valores, pois descaracterizaria o embasamento fenomenológico e invalidaria os fundamentos da Logoterapia. Não se pode partir de nenhum conceito que anule a liberdade de escolha, retire da pessoa-espiritual a responsabilidade por sua própria existência, generalizando as respostas e desfazendo a busca por sentidos únicos (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). Orientação e comando são duas palavras distintas, conclui-se que, é preciso contextualizar de onde parte e para onde aponta as convenções e tradições, se são um referencial de sentido, com espaço para a autonomia, ou se são comandos impositivos, restringindo a pessoa-espiritual.

Diante do exposto e seguindo a proposta do segundo objetivo específico que foi investigar qual o impacto



da queda das tradições para a manifestação do vazio existencial, outro questionamento surge: Então, quais tradições que ao se esgotarem colaboraram para o desenvolvimento em massa do sentimento de vazio existencial? Nesse ponto, há uma lacuna teórica do artigo, pela limitação do recorte da pesquisa, pois para responder a essas perguntas seria necessário maior aprofundamento sobre a temática dos valores e, por isso, nas ideias de Max Scheler (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). Partindo do que foi possível coletar nos resultados, se valores são cristalizados a partir do enfrentamento de situações típicas da condição humana, apresentando um caráter mais geral, é plausível considerar que os valores podem auxiliar na consolidação de tradições. Mesmo nesse caso, não parece concebível apontar esses dois termos como sinônimos. Em contraponto, parece essencial relembrar que a Logoterapia também se fundamenta na consideração incondicional da dignidade da pessoa-espiritual, assim, qualquer movimento que oprima, despersonalize ou anule a existência, precisaria urgentemente ser revisto. Essa afirmativa também se baseia na proposta de Frankl (2019) sobre ontologizar a moral, sendo o bem e mal aquilo que possibilita ou não a concretização do sentido. Aliado a isso, Frankl (2011) apresenta o conceito de monantropismo, que seria a busca por uma unidade humana, com espaço e respeito à diversidade, já que somos seres únicos e múltiplos ao mesmo tempo.

Como o próprio Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) alerta, a Logoterapia não é moralista, não podendo, portanto, estar vinculada a um entendimento tradicionalista da relação entre a queda das tradições e a manifestação do vazio existencial. Novamente, utilizando do recurso da descrição de palavras, o dicionário de língua portuguesa do Instituto Houaiss (2010, p. 763) aponta tradicionalismo como: “forte ligação com as tradições; conservadorismo. Antônimo a renovação”. Quando Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) discorre sobre a cognição humana, a apresentando como finita ao considerar que a percepção alcança recortes do todo objetivo, fica evidente não só a impossibilidade de uma visão de mundo absoluta, como também, que sempre haverá espaço para uma revisão da vida. O sentido possui caráter situacional e pessoal e, justamente por isso, se mantém como possibilidade incondicional, não sendo afetado pelo esgotamento das tradições e pelo declínio dos referenciais que a acompanham. Assim, compreender a tradição enquanto imutável é retirar essa possibilidade de crescimento, de transformação da humanidade. O sentido único de hoje, quando encontrado e concretizado, pode reformular as tradições que abafavam os valores, para tradições que tornem a evidenciá-los. Tanto o sentido quanto os valores perderão sua qualidade de guia se forem compreendidos como um lugar a se chegar e estacionar, afinal, a mudança faz parte da nossa condição enquanto existência, seja a nível individual ou coletiva. O que foi uma orientação universal em um tempo histórico pode ser ampliada ou revista em outro, a forma de funcionamento do mundo não é estável. Ainda, podemos acrescentar que não afetando o sentido em si, a queda das tradições interfere no campo de possibilidades da apreensão do sentido, visto que tal campo se reduz conforme o ser humano não faz contato com os valores. O sentido e os valores são intuídos pela consciência, vindo a luz com maior ou menor clareza, as tradições podem facilitar ou ofuscar este processo. Com isso, sendo os discursos sociais da contemporaneidade baseados no incentivo à felicidade individual, fomentando perspectivas egocêntricas da vida e fortalecendo o subjetivismo, a consequência é uma aplicação valorativa muito reduzida e relativa.

Ao apresentar sua antropologia tri-dimensional, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) está propondo uma pessoa capaz de ser além do que é, de fazer algo de si mesma, não sendo apenas as suas condicionalidades, mas com a possibilidade intrinsecamente humana de decisão. As tendências reducionistas negligenciam essa dimensão especificamente humana, desconsiderando a capacidade para se posicionar e tratando a liberdade como autoengano. Na Logoterapia, a liberdade para atitudes de superação não é apenas diante dos fatores psico-físicos, mas também sobre as influências sociais. A pessoa é espiritual em relação com o mundo, podendo ser agente ativa sobre o mundo, transformando a sua realidade tanto interior quanto exterior. Por isso, se as tradições forem compreendidas enquanto tradicionalismo, também estariam anulando a autonomia e a potência de transformação da pessoa-espiritual, sendo incoerente com a proposta frankliana. Se em tempos de transição social o ser humano não se reposicionar, reencontrando diante o que ou quem responder e, assim, concretizando sentidos únicos, novas possibilidades de atos valorativos universais não poderão ser cristalizadas, reforçando e dando continuidade à fase de declínio dos valores. A partir dessa discussão, outro questionamento é importante: Quais seriam os fatores históricos que contribuíram para essa fase de esgotamento das tradições? Em suas obras Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) não se aprofunda na resposta dessa pergunta, talvez por sua proposta de estudo e formação intelectual não serem focadas nos aspectos sociais. Ainda sim, aponta que com o advento da industrialização referências antes sólidas e que guiavam o ser humano no que deveria fazer, se desfizeram, gerando tempos de instabilidade. Com isso, as pessoas se encontram desorientadas e à mercê das tendências contemporâneas.

A queda das tradições não parece ser o único fator para o desenvolvimento do vazio existencial, por isso, o terceiro objetivo se propôs identificar quais respostas o ser humano da contemporaneidade tem oferecido frente a queda das tradições e como estas colaboram para o desenvolvimento da neurose noogênica. Afinal, em um momento de esgotamento dos referenciais e tempos de tanta instabilidade, ao que resta o ser humano? Responder a própria vida assumindo a autonomia das decisões, contudo, não parece estar sendo esse o posicionamento das pessoas da contemporaneidade, pelo contrário, há uma renúncia da responsabilidade gerando uma crescente sensação de insegurança existencial. Em pano de fundo, o pandeterminismo e o niilismo seguem atuais, contribuindo para o fatalismo e obscurecendo a relação com os valores, dificultando a apreensão das possibilidades de sentido. Assim, a autonomia para responder à vida, principalmente as questões vitais, que dizem respeito ao fundamental



da existência, será cada vez mais afetada caso a pessoa-espiritual se mantenha nesse lugar de identificação com seus condicionantes e de fechamento em si mesma. É urgente a necessidade do aguçamento da consciência noética, da ampliação da visão antropológica e do incentivo a assumir o chamado do sentido. Com isso, seria possível reconstruir referenciais ancorada em uma filosofia de vida saudável, que estivesse pautada na autotranscendência, no respeito e na partilha, dando lugar para a dignidade e para o valor da vida de todos (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

A consciência na Logoterapia não pode ser confundida com superego, justamente por sua capacidade de oposição a qualquer convenção ou padrão normativo. A consciência noética possui a capacidade crítica de questionar tradições arbitrárias e capacidade criativa para gerar mudanças, para agir no mundo. Na Logoterapia o ser-consciente está relacionado ao ser-responsável, tal responsabilidade é sempre diante algo ou alguém, o que também aponta para a intencionalidade da consciência. Assim, é preciso que a pessoa-espiritual assuma a autonomia sobre suas decisões e a responsabilidade sobre sua existência, se colocando diante do mundo em busca de algo que esteja para além dos próprios interesses e superando relações de utilitarismo. O sentido único só poderá ser concretizado por meio de ações, só assim é possível modificar e transformar a realidade, iluminando novas possibilidades de atos valorativos. Isso significa que não basta apenas uma consciência crítica, a existência precisa ser vivida em ato, uma crítica sem movimento não será capaz de gerar mudanças. Ainda, o responder à vida não abarca apenas questões individuais, mas também sociais, serão as pessoas no plural que poderão solucionar as problemáticas coletivas. O tédio e a apatia, duas características do sentimento de vazio existencial, impactam a relação do ser com o mundo, provocando não só uma indiferença aos valores, mas também de perda de iniciativa, de entrega aos valores. Ou seja, um mundo em que o fenômeno do vazio existencial se manifeste em massa é bastante perigoso, pois resulta em pessoas passivas, gerando uma provável alienação das questões coletivas e uma inércia coletiva (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

O reducionismo é uma tendência generalizante e tudo o que escapa dessa tentativa é reduzido a epifenômeno ou tratado como uma superstição. Assim, conceitos como sentido de vida e valores, são ignorados pela impossibilidade de medição, pois não podem ser compreendidos a partir da causalidade. Essa tentativa explicativa da existência impede a apreensão da problematidade do sentido, pois na tentativa de respostas prontas e lógicas, há um grande risco de levar para a descrença sobre o sentido, resultando no afastamento dos valores e na condenação da disposição ao cultivo dos ideais. Diante do exposto, seria igualmente reducionista compreender o sentimento do vazio existencial como “isso leva àquilo”; há uma multiplicidade de fatores. Portanto, seguindo a proposta do quarto e último objetivo que foi provocar reflexões sobre o impacto das tradições na manifestação do vazio existencial e seus desdobramentos para a neurose noogênica de acordo com a Logoterapia, parece possível relacionar esse fenômeno a fase de instabilidade pelas perdas de referenciais, com esse pano de fundo do pandeterminismo e niilismo junto o posicionamento das pessoas da contemporaneidade frente a esse cenário. Quanto mais declinar a responsabilidade de suas escolhas à terceiros, mais insegura existencialmente a pessoa ficará, isso porque deixará de confiar na sua capacidade de escolher e de perceber a liberdade como uma possibilidade. Somado a isso, quanto mais descrente acerca dos valores e fechado em si mesmo, mais a pessoa decairá para o autocentrismo, resultando na prevalência daquilo que é útil em detrimento do que é essencial. Como resultado, perde-se o fundamento do existir, o caráter essencial da existência, que é a autotranscendência (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) alerta acerca da objetificação da pessoa e da subjetificação do sentido. Com a perda desse campo tensional para um movimento dicotômico mente-corpo, há o grande risco da relativização do sentido. É possível refletir se para além da perda das tradições, a questão também seja a forma como a sociedade se estruturou a partir disso, afinal, a educação, as expectativas e os discursos sociais, não oportunizam espaço para reflexões existenciais, tampouco, para a busca de sentido único e consequente cristalização de novas possibilidades de atos valorativos. Ainda, fica o questionamento: A expressão “queda das tradições” é o mesmo que “declínio dos valores”? Não parece possível afirmar que os valores tenham se perdido, visto que, seguem como possibilidades a serem concretizadas auxiliando na construção de novas ou reformulando antigas tradições. As convenções e tradições parecem dar forma aos valores, mas não estando vinculado aos valores em si, pois esse não é um conceito definível, mas sim, executável. Portanto, presume-se que a queda das tradições atinja a maneira como é esperado que sejam concretizados os valores, caso a orientação aponte aos valores. E com a perda desses referenciais ficando no lugar inúmeras orientações, algumas até mesmo controversas e, em maioria, incentivando a busca incessante pelo prazer, supervalorizando os bens materiais, favorecendo comportamentos autocentrados, distorcendo a visão da pessoa sobre si mesmo e obscurecendo a vida no seu valor, será mesmo um solo fértil para a manifestação em massa do vazio existencial.

A industrialização, o advento das tecnologias e os avanços científicos colaboraram para tempos de rápidas mudanças, impactando inclusive a maneira como as relações são estabelecidas, o trabalho é realizado e o mundo é compreendido. Diversas tradições e convenções que antes respondiam às questões sociais, já não se mostram pertinentes aos tempos de hoje, sendo parte da condição evolutiva da humanidade rever suas normas de vivência e padrões de comportamento. Para isso, é preciso que a relação ser-mundo seja preservada, pois é justamente esse campo relacional que permite a tensão fecunda para o encontro de novas possibilidades de atos valorativos. Contudo, em uma cultura do bem-estar até mesmo a dose de tensão saudável evocada pelo questionamento sobre o sentido de vida é suprimida. Qualquer condição que impacte a homeostase precisa ser rapidamente reparada, são



diversos os discursos que apontam para o cuidado com o “eu” como a preocupação principal, desencorajando a pessoa na busca pelo sentido e tornando o desequilíbrio algo a ser evitado a qualquer custo, resultando em sujeitos com baixa tolerância à frustração, incapazes de transformar o trágico da vida em triunfo pessoal e alienados ao sofrimento alheio (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Por fim, ao abafar a voz da consciência, as pessoas da contemporaneidade aparentam estarem perdidas, incapazes de discernir entre tantas demandas e a responderem a velocidade dos tempos modernos. Ao não assumirem a autonomia por suas decisões, vão delineando as próprias vidas conforme terceiros, se afastando da autenticidade para se aproximar da inautenticidade. Com isso, demonstram estarem cada vez mais indiferentes ao mundo, entediados existencialmente ao mesmo tempo que esgotados da própria realidade. Os quatro sintomas da neurose coletiva – atitude existencial provisória, fatalismo, coletivismo e fanatismo – são consequência da maneira como homens e mulheres estão se posicionando diante da queda das tradições, com esquiva da responsabilidade e a dormência da consciência. Em consequência, fica improvável a construção de uma nova filosofia de vida, pois para tanto, é preciso que as pessoas da contemporaneidade estejam em alerta sobre as problemáticas coletivas e dispostas a serem agentes de transformação no mundo. Em períodos de tanta instabilidade, é preciso que a busca pelo sentido único seja mobilizada e que cada um se empenhe em assumir o lugar que lhe cabe em abertura para as necessidades do mundo, vivemos tempo de clamor da responsabilidade e de urgência que a vida seja vivida em seu caráter de missão. É preciso afetação com o mundo e coragem para encontrar caminhos coletivos que apontem para a fraternidade, para a autotranscendência e para o amor como valores incondicionais. E essa não é uma proposta apenas para os educadores e profissionais da saúde, é um chamado em massa que precisa ser ouvido por todos nós (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Considerações Finais

O conteúdo apresentado conseguiu atender o objetivo geral de explorar a temática e evidenciou que é preciso cuidado para não simplificar a relação entre a queda das tradições e o fenômeno do vazio existencial. Ainda assim, os objetivos específicos não puderam ser atendidos completamente, não sendo possível esgotar a temática. Justifica-se que o assunto estudado seja bastante complexo, sendo preciso fazer recortes do tema para atender às exigências estruturais de um artigo. Dessa forma, abre-se margem para complementação a partir de pesquisas futuras.

Conclui-se que o artigo conseguiu corresponder ao título estabelecido – um convite ao diálogo – visto que, ainda que haja lacunas teóricas, apresentou um conteúdo consistente, permitindo não só iniciar, mas também, apontar para a urgência da continuidade da discussão, a qual deve estar voltada não só para os profissionais da saúde e educadores, mas também, para a sociedade em geral. Além disso, o convite vai além e se estende para a ação coletiva, pois só assim será possível promover as mudanças tão necessárias para a atualidade.

Referências

- De Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica. *Revista Kátal*, 10(Edição Especial), 37-45. <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. Paulus.
- Frankl, V. E. (2016a). *Psicoterapia e sentido de vida*. Quadrantes.
- Frankl, V. E. (2016b). *Teoria e terapia das neuroses*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2017). *A presença ignorada de Deus*. Vozes.
- Frankl, V. E. (2019). *O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e filosofia*. Auster.
- Houaiss, A., Villar, M. de S., & Franco, F. M. de M. (2010). *Mini dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Objetiva.

Recebido em 24.04.2024 – Primeira Decisão Editorial em 31.01.2025 – Aceito em 18.02.2025